

AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2018



QUESTÕES DE ARTE SACRA

LIVRO DE RESUMOS

1 E 2 DE MARÇO | FUNCHAL

MUSEU DE ARTE SACRA
DO FUNCHAL



LIVRO DE RESUMOS

ORGANIZAÇÃO

MUSEU DE ARTE SACRA
DO FUNCHAL

APOIO INSTITUCIONAL



Secretaria Regional
do Turismo e Cultura
Direção Regional da Cultura

Secretaria Regional
de Educação



AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2018

QUESTÕES DE ARTE SACRA

MUSEU DE ARTE SACRA DO FUNCHAL
1 E 2 DE MARÇO DE 2018

Organização

Museu de Arte Sacra do Funchal

Comissão Organizadora

João Henrique Silva (MASF)

Carolina Ferreira (CIEBA-FBA/UL; LAB.HERCULES-UE; ARDITI-RAM)

Elisa Vasconcelos (MASF)

Martinho Mendes (MASF)

Comissão Científica

Helena Rebelo (CLLC-UA; CIERL-UMa)

João Alves da Cunha (CEHR-UCP)

Maria Isabel Roque (Universidade Europeia - LIU; UCP; CIDEHUS-UÉ)

Nuno Saldanha (IADE, Universidade Europeia)

Keynote Speaker

José Tolentino Mendonça (UCP)

Secretariado

Carolina Ferreira

Elisa Vasconcelos

Edmundo Freitas

Teresa Correia

ÍNDICE

- 06 APRESENTAÇÃO
- 07 AGENDA DO PROGRAMA
- 08 PROGRAMA
- 09 CONFERÊNCIA DE ABERTURA *Arte, mediação e símbolo: O sentido que vem*
- 10 PAINEL 1 **Questões de Arte Sacra: Expressões do património cultural religioso**
- 11 *Arte sacra, culto, cultura, e património.* Nuno Saldanha
- 12 *A arte sacra: Museus e exposições numa sociedade secularizada.* Maria Isabel Roque
- 13 *A tradição das “saloias” nas visitas das insígnias do Espírito Santo na Região Autónoma da Madeira: Musealizar um património imaterial?* Helena Rebelo
- 14 *Gestão e missão dos bens culturais da Igreja.* Sandra Costa Saldanha
- 15 *Museu Diocesano de Santarém: A face visível de um alargado projeto de salvaguarda e valorização do património cultural da Diocese.* Joaquim Ganhão
- 16 PAINEL 2 **Questões de Arte Sacra: A construção do espaço sagrado**
- 17 *Existe uma arquitetura religiosa?* Bernardo Pizarro Miranda
- 18 *Arquitetura religiosa em Portugal – séculos XX e XXI.* João Alves da Cunha
- 19 *Artes e arquitetura na mediação do sagrado.* João Norton Matos
- 20 *Arte sacra na Madeira: O contemporâneo artístico no espaço religioso.* Martinho P. Mendes
- 21 *Arte litúrgica com amor: Criações das novas capelas de Braga.* Joaquim Félix
- 22 DOCUMENTÁRIO **Sagrado**
- 23 POSTERS
- 23 *Arte sacra presente nos azulejos do Mosteiro de Odivelas.* Anabela Cardeira Arranja
- 24 *Henrique Franco: A pintura mural da Via-Sacra da Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa* Ana Mafalda Cardeira
- 25 *Documentação gráfica de uma pintura de arte sacra como contributo ao estudo técnico integrado.* Liliana Cardeira
- 28 *As Ermidas Camarárias da Cidade de Évora.* Virgínia Glória Nascimento
- 30 *Frontais de altar em “GODOMIÇIL” - A arte medieval do couro dourado e pintado.* Franklin Pereira
- 31 SIGLAS E ACRÓNIMOS
- 32 FICHA TÉCNICA

APRESENTAÇÃO

A segunda edição d' **As Conferências do Museu** coincide com o ano em que a Europa se ocupa da reflexão alargada sobre o seu Património Cultural, que é multi-dimensional nas suas formas e expressões – Património que deve ser entendido como alicerce para (re)pensar os desafios de uma Europa contemporânea e futura, a partir do acolhimento e compreensão do extenso lastro da sua história, identidade e memória fundadora.

Questões de Arte Sacra é o mote definido pelo Museu de Arte Sacra do Funchal (MASF) e que pretende ser um contributo para partilhar propostas de reflexão da história insular e dos bens culturais da Igreja, neste enquadramento celebrativo que decorre em 2018.

Cruzar a história e seus legados com o olhar da contemporaneidade é a proposta destas CONFERÊNCIAS, cujo programa se organiza em torno de dois painéis temáticos:

1) *Expressões do Património Cultural Religioso*, que se assume como espaço de análise e reflexão em torno da perspetiva histórica e desafios que se colocam aos bens culturais da Igreja, entre o tangível e o imaterial, dos contextos primitivos ao trânsito para museus e exposições, do passado ao contemporâneo.

2) *A Construção do Espaço Sagrado*, que problematiza as fronteiras da definição do espaço vivencial religioso, convocando múltiplos olhares sobre o devir da arquitetura e das artes visuais na mediação com o sagrado, entre os séculos XX e XXI.

A par destes dois núcleos, o enquadramento inicial do encontro conta com o contributo do Padre Tolentino Mendonça numa Conferência de Abertura, cujo tema é transversal ao enunciado naqueles dois painéis – *Arte, Mediação e Símbolo: O sentido que vem*.

No encerramento, teremos a mensagem de Guilherme d'Oliveira Martins, coordenador nacional do programa do Ano Europeu do Património Cultural. Acresce, ainda, a projeção do filme *Sagrado*, de Nuno Grande, a assinalar o fecho de dois dias de partilha de conhecimentos em torno da **Arte**, do **Património** e da **Museologia**.

EXPOSIÇÃO DE POSTERS: Nesta 2ª edição, a comissão organizadora promoveu a participação de todos aqueles que têm vindo a desenvolver investigações e estudos no âmbito dos temas propostos, a partir da submissão de um *poster*. Os *posters* aprovados pela Comissão Científica serão expostos no âmbito d' *As Conferências*.

AGENDA DO PROGRAMA

O programa decorre nos dias 1 e 2 de março de 2018:

DIA 1

Conferência de abertura

Arte, mediação e símbolo: O sentido que vem

Painel 1 *Questões de Arte Sacra:*

Expressões do património cultural religioso

DIA 2

Painel 2 *Questões de Arte Sacra:*

A construção do espaço sagrado

Almoço das “Conferências do Museu”

Projeção do documentário: *Sagrado*

Mensagem: Ano europeu do património cultural

ORADORES CONVIDADOS

José Tolentino Mendonça (UCP)

Duarte Nuno Chaves (Universidade dos Açores)

Nuno Saldanha (IADE - Universidade Europeia)

Maria Isabel Roque (Universidade Europeia - LIU; UCP; CIDEHUS-UÉ)

Helena Rebelo (CLLC-UA; CIERL-UMa)

Sandra Costa Saldanha (Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja)

Joaquim Ganhão (Museu Diocesano de Santarém)

Duarte Caldeira (Gabinete de Projetos Massa Cinzenta)

Bernardo Pizarro Miranda (CIES-IUL)

João Alves da Cunha (CEHR-UCP)

João Norton Matos (Centre Sèvres - Faculté Jésuite de Paris)

Martinho P. Mendes (MASF; CIERL-UMa)

Joaquim Félix (Faculdade de Teologia, Braga - UCP)

Luís Urbano (FAUP-CEAU)

AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2018

QUESTÕES DE ARTE SACRA

PROGRAMA

1 DE MARÇO

09h15 Recepção

10h00 Sessão de abertura

João Henrique Silva

Diretor do Museu de Arte Sacra do Funchal

Conferência de abertura

10h15 *Arte, mediação e símbolo:
O sentido que vem*

José Tolentino Mendonça

(Keynote Speaker)

Universidade Católica Portuguesa

11h00/11h15 Intervalo

11h15/11h45 Debate /
Conferência de abertura

Moderador: João Henrique Silva

Diretor do Museu de Arte Sacra do Funchal

12h00 Lançamento do MASF Journal

12h30/14h00 Almoço

14h00/14h30 Recepção

Painel 1 *QUESTÕES DE ARTE SACRA:
EXPRESSÕES DO PATRIMÓNIO
CULTURAL RELIGIOSO*

Moderador: Duarte Nuno Chaves

Universidade dos Açores

14h30 *Arte sacra, culto, cultura,
e património*

Nuno Saldanha

IADE - Universidade Europeia

15h00 *A arte sacra: Museus e exposições
numa sociedade secularizada*

Maria Isabel Roque

Universidade Europeia

15h30 *A tradição das "saloias"
nas visitas das insígnias do Espírito Santo
na Região Autónoma da Madeira:
Musealizar um património imaterial?*

Helena Rebelo

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas,
Universidade de Aveiro
Centro de Estudos Regionais e Locais,
Universidade da Madeira;

16h00/16h15 Intervalo

16h15 *Gestão e missão dos bens culturais
da Igreja*

Sandra Costa Saldanha

Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja

16h45 *Museu Diocesano de Santarém:
A face visível de um alargado projeto
de salvaguarda e valorização do património
cultural da Diocese*

Joaquim Ganhão

Museu Diocesano de Santarém

17h15/17h45 Debate /
Encerramento painel 1

Moderador: Duarte Nuno Chaves

Universidade dos Açores

2 DE MARÇO

09h00/09h15 Recepção

09h15 Abertura

Painel 2 *QUESTÕES DE ARTE SACRA:
A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO*

Moderador: Duarte Caldeira

Gabinete de Projectos Massa Cinzenta

09h30 *Existe uma arquitetura religiosa?*

Bernardo Pizarro Miranda

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia,
Instituto Universitário de Lisboa

10h00 *Arquitetura religiosa em Portugal
- séculos XX e XXI*

João Alves da Cunha

Centro de Estudos de História Religiosa,
Universidade Católica Portuguesa

10h30 *Artes e arquitetura na mediação
do sagrado*

João Norton Matos

Centre Sèvres,
Faculté Jésuite de Paris

11h00/11h15 Intervalo

11h15 *Arte sacra na Madeira:
O contemporâneo artístico no espaço religioso*

Martinho P. Mendes

Museu de Arte Sacra do Funchal
Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais,
Universidade da Madeira

11h45 *Arte litúrgica com amor:
Criações das novas capelas de Braga*

Joaquim Félix

Faculdade de Teologia, Braga,
Universidade Católica Portuguesa

12h15/12h45 Debate /
Encerramento painel 2

Moderador: Duarte Caldeira

Gabinete de Projectos Massa Cinzenta

13h00/14h30 Almoço das
"CONFERÊNCIAS DO MUSEU"

15h00 *Projeção do documentário: Sagrado*
de Nuno Grande, 2014, 26'25

Apresentação do produtor, Luís Urbano

Faculdade de Arquitetura,
Universidade do Porto
Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo

16h00 *Mensagem: Ano europeu
do património cultural*

Guilherme d'Oliveira Martins

Coordenador Nacional Ano Europeu do Património Cultural

16h15 Sessão de encerramento

João Henrique Silva

Diretor do Museu de Arte Sacra do Funchal

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

ARTE, MEDIAÇÃO E SÍMBOLO: O SENTIDO QUE VEM

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA (Keynote Speaker)

Universidade Católica Portuguesa

RESUMO A palavra «divórcio» parece à primeira vista ser ajustada para descrever o longo desencontro, que a modernidade tem todos estes séculos documentado, entre os discursos e práticas artísticas e o catolicismo. Sobretudo quando se compara com os séculos anteriores é difícil fugir ao léxico da rutura. Dir-se-ia que no domínio da estética entramos num irresolúvel inverno, sem sombra daquela aura de glória que a história da arte impõe (e que o Museu de Arte Sacra do Funchal testemunha amplamente). E os efeitos têm uma crueza que dói, de parte a parte: não só grande parte da arte dita sacra que se passou a produzir e a adotar só com uma excessiva boa vontade se pode chamar de arte (o kitsch pietista ou a contrafação pretensamente moderna passaram a colonizar o espaço religioso), mas também a própria produção artística entrou vezes demais no labirinto de uma autorreferencialidade que lhe retira capacidade de ressoar para lá da imanência, quando não da banalidade. Mesmo assim não deixo de pensar que o termo «divórcio» é completamente equívoco, pois caricatura um problema que ganha muito em ser tratado na sua complexidade.

Na minha comunicação vou centrar-me na experiência da beleza, e no contexto anteriormente esboçado – que culturalmente é o nosso – explicar porque é que não podemos desistir da beleza. Percorrerei cinco etapas:

1. Pertencemos a um tempo que renunciou à beleza?
2. O que é este chamamento inapagável da beleza?
3. Precisamos de uma nova mistagogia?
4. Do Deus necessário ao Deus desejável
5. Reconciliar-se com a beleza

Palavras-chave:

Arte; Beleza; Símbolo; Mediação; Arte Sacra



NOTA BIOGRÁFICA

Especialista em Estudos Bíblicos, tem abordado com rigor e criatividade os temas e os textos do cânone cristão, procurando sempre envolvê-los num diálogo sensível com as interrogações do presente, e emprestando uma especial atenção à questão da linguagem, da estética e da narratividade. É Vice-Reitor da Universidade Católica Portuguesa e professor de Novo Testamento, na Faculdade de Teologia, em Lisboa. Além de ensaísta, no domínio da exegese e espiritualidade bíblica, com livros traduzidos em várias línguas, tem uma obra poética que muitos reconhecem entre as mais marcantes do panorama atual.

PAINEL 1 QUESTÕES DE ARTE SACRA: EXPRESSÕES DO PATRIMÓNIO CULTURAL RELIGIOSO



DUARTE NUNO CHAVES (Moderador)

Universidade dos Açores

Natural da cidade do Funchal é Doutor em História da Arte pela Universidade de Évora. Atualmente a sua investigação de Pós-Doutoramento tem vindo a prosseguir e a cimentar, o estudo das tradições processionais da Ordem Terceira da Penitência, nos séculos XVII a XXI, em particular no contexto da atividade de catequização que os franciscanos desenvolveram nos arquipélagos dos Açores e Madeira.

É investigador integrado do Centro de Humanidades - CHAM na Universidade dos Açores, colaborando ainda com esta instituição universitária enquanto docente convidado, lecionando disciplinas nas áreas da Inventariação Museológica e Património Cultural, nas licenciaturas de História e Turismo.

Paralelamente é autor de várias publicações científicas, coordena projetos de Mediação Cultural e Educação Patrimonial, junto das escolas do ensino básico e secundário, sendo de destacar a consultadoria científica junto do Serviço dos Bens Culturais da Diocese de Angra e na rede de museus tutelados pela Câmara Municipal da Ribeira Grande, S. Miguel, Açores.

ARTE SACRA, CULTO, CULTURA E PATRIMÓNIO

NUNO SALDANHA

IADE - Universidade Europeia
UNIDCOM; CHAM

RESUMO A presente comunicação irá sobretudo assentar mais sobre a colocação de questões, e pontos de debate, do que a habitual exposição de conteúdos. A questão “Arte Sacra” é de enorme complexidade, a que está indissociavelmente ligada uma enorme responsabilidade. Entre o intrincado conjunto de valências que se cruzam, sobressaem os de natureza litúrgico-cultuais, artístico-culturais e patrimoniais.

Como sabemos, o nosso país possui um património artístico-cultural considerável, mas que, sendo um país de fracos recursos, dificilmente o Estado português poderá alguma vez dar uma resposta efetiva, a todas as necessidades que tal encargo acarreta. De cada vez que se discute o Orçamento de Estado, as verbas destinadas à Cultura, revelam-se sempre irremediavelmente insuficientes, não obstante as somas avultadas que chegam da Europa, sem as quais, a situação de rutura já teria chegado há muito tempo. A propósito disso, poderíamos colocar uma questão hipotética - e se esses bens fossem restituídos à sua origem ou, pelo menos (dado muitos dos conventos, igrejas ou capelas originais já não existirem) regressassem aos ambientes sagrados para os quais foram criados? O regresso das imagens e objetos de Arte Sacra às igrejas, torna-se plenamente justificável, dado que (para além duma questão de justiça), a Igreja é naturalmente o local mais adequado à realização espiritual, à comunicação de sentido, para a expressão da Liturgia, e para o cumprimento da função espiritual, pastoral e catequética, que constitui a sua essência. No fundo, devolver a esses mesmos artefactos, a riqueza e o propósito para o qual foram pensados e produzidos, a natureza metafísica da qual foram desprovidos.



NOTA BIOGRÁFICA (M.A./PhD) Historiador da Arte, tem vários livros publicados, e artigos em diversas revistas, catálogos e dicionários, sobre Iconografia, História da Arte, História da Arquitetura Naval, Crítica e Teoria da Arte (Sécs. XVIII-XIX). É Professor Auxiliar, Coordenador do Curso de Fotografia e Cultura Visual, no IADE - Universidade Europeia. É Investigador da UNIDCOM/IADE e do CHAM/U.N.L. Na área museológica, foi Diretor da Galeria de Pintura Rei D. Luís/Palácio Nacional da Ajuda, Assessor de Direção do Museu da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Diretor da Casa-Museu dos Patudos, e Comissário de várias exposições. Membro da Academia Nacional de Belas Artes.

A ARTE SACRA: MUSEUS E EXPOSIÇÕES NUMA SOCIEDADE SECULARIZADA

MARIA ISABEL ROQUE

Universidade Europeia - Laureate International Universities;
Universidade Católica Portuguesa;
Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, Universidade de Évora

RESUMO Sacro, ou sagrado, tem implícito o conceito de separação. Ou seja, subjacente a todos os registos religiosos, existe uma inevitável dicotomia que opõe o sagrado ao profano, apesar das suas diferentes modalidades em função dos vários contextos históricos e culturais. No entanto, a arte religiosa, concebida para funções litúrgicas ou devocionais, constitui uma componente substancial dos acervos museológicos, implicando a transferência do domínio sagrado para o espaço profano do museu. Importa, por isso, analisar o conceito de sagrado no âmbito do cristianismo, para validar o processo de musealização e avaliar a forma como o museu comunica o conteúdo funcional, semântico e simbólico do património religioso que expõe. Em regra, o museu tende a transformar o objeto religioso em obra de arte, além de lhe impor um novo modelo de separação, através do aparato museográfico em que o insere. No processo de comunicação elaborado no museu, a compreensão do objeto, na sua totalidade e abrangência, depende da capacidade do visitante, enquanto recetor da mensagem, para ver além da forma e para identificar ou reconhecer a sua função e o seu sentido, originais. No entanto, numa sociedade secularizada e progressivamente laica, o objeto religioso corre o risco de perder definitivamente esse conteúdo intangível. Além disso, o desenvolvimento do turismo traz novos desafios, no sentido em que o museu deixa de se dirigir sobretudo às comunidades locais, para se abrir a grupos cada vez mais ecléticos, extrínsecos à matriz cultural e religiosa no âmbito do cristianismo e, por isso, genericamente incapazes de apreender o teor da exposição. Assim, impõe-se uma reflexão acerca das estratégias disponíveis para recuperar os significados implícitos, tornando o museu e, em particular, o museu de arte sacra, um espaço comunicativo na apresentação e descodificação dos objetos expostos.

Palavras-chave:

Arte Sacra; Comunicação (no museu); Liturgia; Museologia; Públicos (de museu).



NOTA BIOGRÁFICA

Doutora em História, especialização em Museologia. Professora Auxiliar na Universidade Europeia – Laureate International Universities e na Universidade Católica Portuguesa. Investigadora integrada no CIDEHUS-UÉ/FCT, onde leciona unidades curriculares no âmbito da história da arte e da museologia e curadoria. Integrou os comissariados das exposições *Encontro de culturas* (Lisboa, 1994; Vaticano, 1996), *Fons vitae* (Pavilhão da Santa Sé na Expo98) e *500 anos das Misericórdias portuguesas* (Lisboa, 2000). Integrou o grupo de trabalho para a versão portuguesa do projeto internacional *Thesaurus: vocabulário de objetos do culto católico*. É autora dos livros *Altar cristão: Evolução até à reforma católica* (2004) e *O sagrado no museu: musealização de objectos do culto católico em contexto português* (2011), além de artigos no âmbito da arte religiosa, da história da museologia e da comunicação no museu.

A TRADIÇÃO DAS “SALOIAS” NAS VISITAS DAS INSÍGNIAS DO ESPÍRITO SANTO NA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA: MUSEALIZAR UM PATRIMÓNIO IMATERIAL?

HELENA REBELO

Centro de Línguas, Literatura e Culturas, Universidade de Aveiro;
Centro de Estudos Regionais e Locais, Universidade da Madeira

RESUMO Por regra, e definição, os museus são espaços fechados que preservam um património de uma comunidade porque a identificam, distinguindo-a de outras. Sem considerar os públicos e os privados, são de diversos tipos os que existem. A determinação linguística do museu variará consoante o espólio de que cuida, especializando-o: museu etnográfico, museu de arte contemporânea, museu de arte sacra e assim sucessivamente. Contam-se, também, os museus heteróclitos, como os museus municipais, que congregam bens de múltiplas índoles. Existem, igualmente, museus que contemplam duas facetas (interior e exterior), cobrindo uma parte ao ar livre como as ruínas romanas em Condeixa-a-Nova. Além disso, uma localidade pode transformar-se num espaço museológico (cf. Pompeia). Há também as designadas “casas museus”, por manterem a herança de uma figura pública, cuja memória importa conservar pela comunidade.

Perante esta breve tipologia de museus, julga-se, contudo, que nem sempre é assim tão fácil dizer em que museu deveria ser conservado determinado bem patrimonial. No entanto, se é um bem material será, crê-se, mais evidente do que um bem imaterial. Um quadro de teor religioso do século XVI terá, obviamente, lugar num museu de arte sacra ou a ela ligado. Todavia, uma tradição secular como a das “saloias madeirenses do Espírito Santo”, um bem patrimonial de cultura imaterial, não terá aí qualquer lugar. Porém, liga-se a uma realidade sagrada para o Catolicismo: a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Ora, se um museu mantém vivo um património de uma comunidade (incluindo peças representativas do Espírito Santo), deveria interessar-se por mostrar um bem imaterial como o das “saloias”. São uma evidente manifestação do Espírito Santo e merecem ter um espaço num museu que conserve a arte ligada ao sagrado de uma comunidade. Como fazê-lo? Pretende-se aqui pensar em torno da questão: Como musealizar um património imaterial como o das “saloias madeirenses do Espírito Santo”?

Palavras-chave:

Museus; Arte Sacra; “Saloias do Espírito Santo”; Património Cultural Imaterial.



NOTA BIOGRÁFICA Licenciada (1990) e mestre (1997) pela Universidade de Coimbra, Helena Rebelo é, desde 1998, docente na Universidade da Madeira. Realizou uma qualificação em Ciências da Educação na Universidade Aberta (1999). Doutorou-se em Linguística Portuguesa (2005), na Universidade da Madeira, e desenvolveu, na Universidade de Aveiro, um pós-doutoramento (2011). Dedicou-se aos Estudos Linguísticos, investigando matérias relacionadas, sobretudo, com a Língua Portuguesa. Tem participado em vários encontros científicos. Os seus trabalhos estão publicados a nível regional, nacional e internacional.

GESTÃO E MISSÃO DOS BENS CULTURAIS DA IGREJA

SANDRA COSTA SALDANHA

Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja

RESUMO Aquém das suas reais potencialidades, são raros os espaços de culto cabalmente apetrechados das necessárias ferramentas de informação, divulgação e interpretação. Desvirtuando toda uma coerência operacional e pedagógica (que, incessantemente, a Igreja procurou estimular ao longo dos séculos), a procura de soluções para a valorização, conhecimento e fruição do património religioso constitui uma etapa fundamental para a sua compreensão e acessibilidade.

Os espaços de culto não são, efetivamente, museus, tal como os seus bens ultrapassam a dimensão da peça musealizada. Alfaias ao serviço da liturgia, atual ou passada, é bem possível acentuar-lhes o sentido, potenciando uma fruição legível, apelando à participação na sua mensagem, numa articulação entre as partes: o culto, a cultura, a celebração da fé e a arte. Enfim, oferecer um meio de acesso eficaz, de crentes e não crentes, à sublimidade das formas, comunicantes de uma experiência única.

Palavras-chave:

Museus da Igreja; Bens Culturais da Igreja; Património Religioso.



NOTA BIOGRÁFICA Diretora do Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, da Conferência Episcopal Portuguesa. Membro do Conselho Nacional de Cultura; representante da Santa Sé na Comissão Bilateral, no âmbito da Concordata de 2004; e da Comissão Episcopal da Cultura no Grupo Técnico Coordenador do projeto “Rota das Catedrais”. Professora Auxiliar na Universidade Europeia, exerceu anteriormente funções de docência, coordenação pedagógica e científica na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa e na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Foi colaboradora do Departamento de Bens Culturais do Patriarcado de Lisboa e coordenadora do Serviço de Património, Investigação e Promoção Cultural, do Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa, tendo a seu cargo diversas ações de dinamização do mosteiro de S. Vicente de Fora, e outras nas áreas da formação, inventário e investigação.

Doutorada em Letras, na especialidade de História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é investigadora integrada do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património da mesma Universidade.

MUSEU DIOCESANO DE SANTARÉM: A FACE VISÍVEL DE UM ALARGADO PROJETO DE SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL DA DIOCESE

JOAQUIM GANHÃO

Diretor do Museu Diocesano de Santarém

RESUMO Inaugurado a 12 de setembro de 2014, o Museu Diocesano é resultado direto da implementação do projeto nacional Rota das Catedrais, que em Santarém contemplou também uma significativa intervenção de conservação e restauro na Catedral, através da aplicação de fundos comunitários do QREN.

A criação desta estrutura museológica permitiu à Diocese de Santarém o resgate de um significativo conjunto de património móvel proveniente de várias paróquias, o qual se encontrava, na sua maioria, desafeto do culto e em risco de perda.

Sinalizado no decorrer dos trabalhos dinamizados pela Comissão Diocesana para os Bens Culturais da Igreja, desde 2006, o património em risco que agora integra a exposição permanente, representa apenas uma pequena percentagem daquele que ainda carece de cuidados especializados de salvaguarda e valorização.

O projeto de salvaguarda e valorização do património cultural desta Diocese desenvolve-se nas seguintes linhas de ação: o inventário; a proteção, conservação e restauro; o apoio técnico às paróquias e formação dos vários agentes paroquiais; parcerias e projetos com entidades locais, regionais e nacionais; ações de valorização e divulgação, por meio de estudos, publicações, comunicações e exposições.

Através do Museu Diocesano foi possível não só consolidar a estratégia em torno dos bens culturais da Igreja, mas sobretudo atribuir-lhe uma face visível, estruturada e credenciada, porta aberta à fruição pública e à divulgação deste património.

Palavras-chave:

Património cultural da Igreja; Museu; Salvaguarda; Rota das Catedrais; Inventário.



NOTA BIOGRÁFICA Padre Joaquim Ganhão é pároco da paróquia do Divino Salvador-Sé, em Santarém, desde 2005. Licenciado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa, fez na mesma Universidade a Pós-graduação em Teologia Pastoral. Frequentou o 3º ano do Curso de Música na Escola de Música do Choral Fidelius em Torres Novas, e o 4º ano dos Cursos de Verão de Canto Gregoriano na Abadia Beneditina de Valle de los Caydos, em Espanha. É Mestre em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico de Santo Anselmo - Roma, onde defendeu a tese “O Movimento Litúrgico em Portugal, o contributo de Monsenhor José Manuel Pereira dos Reis”, publicada em 2006. Foi Secretário da Comissão Nacional de Música Sacra entre 1997-2000. É mestre das celebrações litúrgicas e chefe de gabinete do Bispo diocesano, coordenador do Secretariado Diocesano de Liturgia e Música Sacra e da Comissão Diocesana para os Bens Culturais da Igreja. Foi nomeado diretor do Museu Diocesano de Santarém desde a sua inauguração, cargo que mantém até ao presente. É membro da Comissão de peritos para o restauro do Património Organístico da Cidade de Santarém (2007-2009).

PAINEL 2 QUESTÕES DE ARTE SACRA: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO RELIGIOSO



DUARTE CALDEIRA (Moderador)

Arquiteto, fundador do gabinete Massa Cinzenta

Arquiteto licenciado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa em 1985. É natural do Funchal, onde reside e trabalha.

Iniciou atividade privada em 2002, na Massa Cinzenta, gabinete que fundou e onde desenvolve projectos para edifícios institucionais e privados, bem como infra-estruturas e planos urbanísticos. Tem projetos construídos em Portugal, Alemanha e Argentina.

Foi distinguido em 1998 com o 1º Prémio Nacional de Arquitectura do INH pelo projecto de um edifício de habitação social realizado no Funchal. Foi premiado em 2004 com o prémio Conservação do Património da Cidade do Funchal com o projecto do Café do Museu de Arte Sacra. Foi finalista do 1º Prémio de Arquitectura em Madeira 2012.

Em 2015 publicou o livro “Inner Territory” sobre a natureza e a arquitetura, onde figuram vários dos seus projetos realizados na Madeira.

Os seus projetos têm sido publicados em várias revistas portuguesas e estrangeiras. As suas obras mais conhecidas são o hotel Crowne Plaza Madeira, o Largo da República em Câmara de Lobos e o edifício da Conservatória de S. Vicente.

EXISTE UMA ARQUITETURA RELIGIOSA?

BERNARDO PIZARRO MIRANDA

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa

RESUMO Uma linha de pensamento construída em torno da história da arquitetura religiosa Cristã dos séculos XIX e XX poderia fazer pensar numa crise de identidade associada a um desajuste circunstancial entre forma e função. Porém a tensão entre forma e função acompanhara, como teremos ocasião de o confirmar, toda a história da Igreja. Na relação de Jesus com a lei e o preceito, com a religião, com o templo, com a sinagoga ou mesmo com a casa, esteve subjacente a ideia de crise, de tensão entre forma e função, entre significante e significado. O Cristianismo está por esta razão associado a um projeto incómodo de revisão permanente entre forma e função. Mais do que o processo de reatualização arquitetónica do edifício igreja, importa hoje interrogar nessas construções, a compreensão atualizada do mistério cristão. As nossas igrejas são hoje edifícios informados por um processo de renovação espiritual associado ao sentido e realidade da tradição da Igreja, tradição aqui entendida como o espírito da liturgia?

Se o cristianismo autêntico está enraizado numa tradição de vida que cresce de forma orgânica através de um processo de encarnação contínuo - recusando fórmulas mortas ou práticas mecânicas - então, pensar e desenhar um lugar para a liturgia cristã deveria caber naquilo que é primeiro em matéria de espaço litúrgico: as pessoas que se reúnem e aquilo que fazem em conjunto em razão da sua fé comum. A herança cultural e ritual, como refere o Jesuíta francês Joseph Gelineau (1920-2008) vem em segundo lugar. O sujeito da liturgia, Esse, deve ser compreendido na assembleia dos homens reunidos em Seu nome.

Palavras-chave:

Cristianismo; Arquitetura; Forma; Função.



NOTA BIOGRÁFICA Bernardo Pizarro Miranda desenvolve estudos de arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (licenciatura em Arquitetura em 1987) e um programa de pós-graduação na Escola Técnica de Arquitetura da Universidade Politécnica de Barcelona (1989-1990). Professor, desde o ano de 2001, do curso de Arquitetura do ISCTE-IUL, lecionando nas áreas científicas do projeto e das tecnologias. Doutorado em 2014 pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, na área da Arquitetura, com o tema “Arquitetura e liturgia. Do lugar da liturgia à liturgia como lugar”. Colabora com Raul Hestnes Ferreira de 1990 a 1996 na realização dos projetos para o complexo de edifícios do ISCTE-IUL, Instituto Universitário de Lisboa. Estabelece em 1996, em Lisboa, o seu escritório, desenvolvendo projetos nos domínios da arquitetura, do restauro e da reabilitação de edifícios. De entre os trabalhos desenvolvidos, releva-se a coordenação editorial do livro e exposição ‘Raúl Hestnes Ferreira. Arquitetura e universidade’, a reestruturação do espaço litúrgico da Igreja do Colégio São João de Brito em Lisboa, o primeiro prémio no concurso internacional European: “*Suburban challenge, urban intensity and housing diversity*”, com uma proposta para a frente ribeirinha do Montijo, o primeiro prémio em 2012 no concurso ‘Desafios Urbanos’, com uma intervenção no centro histórico do Porto, o projeto para um complexo residencial no centro histórico de Vila Nova de Gaia, a reabilitação de um quarteirão urbano em Tinalhas – Castelo Branco e o projeto da ermida do ‘*Cristo do Silêncio*’, em Palmela.

ARQUITETURA RELIGIOSA EM PORTUGAL: SÉCULOS XX E XXI

JOÃO ALVES DA CUNHA

Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa

RESUMO Ao longo do século XX e contrariamente ao que se pode precocemente pensar, Portugal assistiu à construção de centenas de igrejas e capelas em todo o seu território, no que foi uma época construtiva sem paralelo na história da arquitetura religiosa portuguesa.

Curiosamente, nenhum destes edifícios foi levantado durante o tempo da I República, consequência da forte perseguição que a Igreja Católica sofreu por parte do governo republicano instaurado a 5 de Outubro de 1910. Durante as décadas que se seguiram, viveram-se tempos profundamente marcados por uma crescente aceleração das reconfigurações sociais e culturais, que se reflectiu inevitavelmente na arquitectura, caracterizada assim por mudanças conceptuais sucessivas - algumas vezes opostas -, que lhe conferiram um percurso com uma diversidade e originalidade sem paralelo. É deste modo que se observa neste século uma sequência de etapas de características distintas, formalmente materializadas nos edifícios religiosos contemporâneos, cuja leitura cronológica permite uma melhor compreensão deste tempo historicamente próximo, mas ainda pouco compreendido.

Palavras-chave:

Arquitectura Religiosa, Igreja Católica, Século XX, MRAR, Concílio Vaticano II



NOTA BIOGRÁFICA Arquitecto pela FAUL (1997) e Mestre em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos pela mesma faculdade (2003). É Doutor em História da Arquitectura na FAUL (2014) com a tese “MRAR - Movimento de Renovação da Arte Religiosa e os anos de ouro da Arquitectura Religiosa em Portugal no século XX”, sob a orientação dos arquitectos José Manuel Fernandes e Nuno Teotónio Pereira, trabalho distinguido pela FAUL com o Prémio Professor Manuel Tainha, correspondente à melhor tese de Doutoramento em Arquitectura nos anos 2013-2014. É conferencista e autor de diversos artigos na área da arquitectura religiosa. Tem organizado, desde 2010, encontros e exposições de arquitectura e de arquitectura religiosa. É membro da equipa de arquitectura do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura e investigador do Centro de Estudos de História Religiosa, da Universidade Católica Portuguesa.

ARTES E ARQUITETURA NA MEDIAÇÃO DO SAGRADO

JOÃO NORTON MATOS

Centre Sèvres, Faculté Jésuite de Paris

RESUMO A ambiguidade do campo semântico do sagrado e do profano pede uma pré-compreensão dos termos e do seu uso em perspectiva cristã. Um cuidado semelhante deve atender ao esbatimento das fronteiras entre as artes, e entre a arte e a vida, como uma interpelação às categorias convencionais da arte sacra. A partir da tensão existente na arte sacra de tradição cristã e entre a dimensão espiritual da arte e os símbolos da narrativa cristã, tentaremos identificar e ilustrar esta polaridade com recurso à categorização conceptual proposta pelo teólogo alemão Paul Tillich. Dado o carácter fundamentalmente histórico tanto da arte como das formas de representação do religioso, interessamo-nos principalmente pelas suas possibilidades atuais, no contexto de uma sociedade plural e secularizada. Finalmente, chamamos a atenção para que as artes e a arquitetura, nas suas possibilidades de mediação do sagrado, estejam sujeitas tanto às ambiguidades do sagrado como às ambiguidades próprias das expressões culturais da fé cristã.

Assim, é através do exercício de discernimento cristão, evangélico, que passamos a identificar o sagrado como espírito de santidade, pelo qual as comunidades de vida cristã podem reconhecer-se e sentir-se inspiradas diante da autenticidade de expressões artísticas singulares, independentemente da maior ou menor explicitação dos símbolos da fé, e até na sua ausência. Isto que é válido para o espaço da cidade e do diálogo cultural, torna-se particularmente relevante no facto da criação artística integrar e configurar o espaço das igrejas, assim como a própria coreografia da celebração cristã. Aí a mediação artística aparece como um dom a acolher nas fronteiras, entre o sagrado e profano, o humano e o divino, o culto e a cultura, o estilo e o símbolo, a presença e a palavra, o corpo e o espírito, a igreja e a sociedade.

Palavras-chave:

Arte; Sagrado; Estilo; Religião, Paul Tillich



NOTA BIOGRÁFICA

Pe. João Norton de Matos, SJ, nascido em Lisboa, estudou arquitetura na Faculdade de arquitetura da UTL e entrou na Companhia de Jesus em 1990. Depois dos estudos em filosofia e teologia, em Braga, Madrid e Paris, com vista à ordenação sacerdotal (2002), entremeados por dois anos de trabalho com o Serviço jesuíta aos refugiados em Angola (1996-1998), fez um DEA em estética e filosofia da arte na Universidade de Lovaina. Depois de seis anos de trabalho pastoral no Centro Universitário Padre António Vieira, faz o doutoramento em teologia da cultura no Centro Sèvres, Faculdades Jesuítas de Paris, que agora termina para integrar a equipa do futuro Centro cultural Brotéria, em Lisboa. As encruzilhadas entre as artes, a arquitetura e a espiritualidade, assim como as dimensões antropológica e cultural da religião e da teologia cristã, constituem os seus centros de interesse pastoral e académico.

A ARTE SACRA NA MADEIRA: O CONTEMPORÂNEO ARTÍSTICO NO ESPAÇO RELIGIOSO

MARTINHO PESTANA MENDES

Museu de Arte Sacra do Funchal;
Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais, Universidade da Madeira

RESUMO O estudo do património religioso da Madeira teve um grande incremento a partir da década de 50 do século XX, surgindo acompanhado da realização de exposições e projetos de museografia da arte sacra na Diocese, que beneficiaram das pesquisas iniciadas algumas décadas antes, em torno da pintura flamenga, escultura e ourivesaria portuguesas, cobrindo essencialmente o período que vai do século XV ao início do século XIX.

Ao mesmo tempo que o estudo do património antigo fez encetar algumas diretrizes para a sua preservação, a construção de novos templos não cessou ao longo do século XX.

Pretende-se, com esta comunicação, interrogar os lugares da representação e do estudo da arte sacra na ilha da Madeira entre os séculos XX e XXI, fazendo aflorar alguns dos nomes da Igreja madeirense – Padre Pita Ferreira –, de arquitetos – Chorão Ramalho, Ruis Goes Ferreira, António Freitas Leal, Rafael Botelho, Marcelo Costa – e de artistas – Francisco Franco, Lagoa Henriques, António Duarte, Amândio de Sousa, Ilda David –, que contribuíram para a renovação da arte religiosa na Ilha e que acompanharam o devir do pensamento da época, ainda que alguns dos seus projetos não tivessem sido cumpridos inteiramente, ou que deles nem sempre tenha resultado uma continuidade na procura do rigor e qualidade estética nos espaços religiosos projetados no Arquipélago nos anos seguintes.

Finaliza-se argumentando a importância do Museu de Arte Sacra do Funchal enquanto polo dinamizador de atividades culturais e educativas que estimulem o conhecimento, quer no que toca à relação das artes visuais com a liturgia e o espaço sagrado, quer em relação ao desenvolvimento de um espaço de curadoria e exposição que problematize a relação da arte com a religião no século XXI.

Palavras-chave:

Estudo do Património; Arte Sacra; Arte Contemporânea; Museologia; Curadoria.



NOTA BIOGRÁFICA Licenciado em Artes Plástica – Ramo de Ensino, pela Universidade da Madeira (2006) e Mestre em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2013), com a tese *Diálogos entre Arte Antiga e Arte Contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal*. É investigador do centro de Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira. Professor de Artes Visuais, a exercer funções técnico pedagógicas no Serviço educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal desde 2007, participando igualmente na organização de exposições temporárias nesta instituição. Enquanto artista plástico tem participado em exposições individuais e coletivas desde 2000 e, desde 2011, participado na curadoria de exposições em outras instituições culturais da Ilha.

ARTE LITÚRGICA COM AMOR: CRIAÇÕES DAS NOVAS CAPELAS DE BRAGA

JOAQUIM FÉLIX

Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa

RESUMO A história desta 'odisseia' das artes ao serviço da liturgia começa há uma década. Para assinalar o 'Ano Paulino', uma vez que o Seminário Conciliar se encontra no antigo Colégio de S. Paulo, convidou-se Ilda David', que tinha ilustrado a Bíblia traduzida por Ferreira D'Almeida. Persuadida do alcance da iniciativa, Ilda David', em colaboração com José Tolentino Mendonça, faz novas pinturas: umas, a partir das cartas autênticas de S. Paulo, ficaram na capela; outras, inspiradas nos *Atos dos Apóstolos*, foram expostas no claustro, junto das ruínas da *domus romana*.

Tal exposição originou um movimento de renovação da arte religiosa, nomeadamente a litúrgica, associada à criação e remodelação das capelas dos Seminários Arquidiocesanos de Braga, que são já quatro, entre as quais a *Árvore da Vida*, vencedora do prémio ArchDaily 2011 para edifício religioso com melhor arquitetura.

Nova carne do Corpo de Cristo, estas capelas são 'movimento' cultural, epifania ética, refinado despojamento, práticas de esperança. Nasceram da cooperação multidisciplinar: arquitetos Cerejeira Fontes; artistas Asbjørn Andresen, Lisa Sigfridsson, Lourdes Castro, Ilda David', Manuel Rosa, Helena Cardoso; excelentes artesãos e um teólogo. Nesta plêiade, notabiliza-se Asbjørn Andresen, que foi Professor e Vice-Reitor da Escola de Arquitetura de Bergen, e chefe-editor de uma prestigiada revista de Filosofia e Artes, na Noruega. Frédéric Debuyst e Crispino Valenziano, entre outros, relevaram seus valores.

Mais do que 'caso de estudo', este processo é expressão de um movimento cultural: além das capelas de Braga, há que referir, também, a igreja de Pedraído, em Fafe, e a reabilitação da igreja de Cedofeita, no Porto. Na comunicação vai perceber-se o porquê do título adotado, que é tudo menos romântico; faz apelo à espiritualidade do trabalhar as matérias.

Palavras-chave:

Artes; Arquitetura; Liturgia; Capelas de Braga



NOTA BIOGRÁFICA Pe. Joaquim Félix, presbítero da Arquidiocese de Braga, é investigador do CITER, Centro de Investigação da Faculdade de Teologia, da UCP, na qual leciona. É Vice-Reitor do Seminário Conciliar e, no Cabido da Catedral, Mestre-Escola. Doutorou-se em Liturgia, no Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo, em Roma, com a tese: *Pontifical de Luxo Brácaro-Romano* (ms. 870 do ADB). Estuda e edita fontes litúrgicas. Traduziu as obras: *O dom das lágrimas e Flor brilhante*, de Hildegarda von Bingen, em coautoria com José Tolentino Mendonça; *O ladrão e o querubim. Drama litúrgico cristão oriental em siríaco e neoaramaico*. Aprofunda temas de arquitetura e arte ao serviço da liturgia. Com arquitetos, artistas e artesãos, promove a edificação de espaços litúrgicos em linguagens contemporâneas, com reconhecimento nacional e internacional. *Capelas de Braga. Novas poéticas da espacialidade ritual* é o título do mais recente livro, publicado pela Universidade Católica, sobre as capelas 'Árvore da Vida', 'Imaculada' e 'Cheia de Graça'.

DOCUMENTÁRIO: SAGRADO

LUÍS URBANO (Produtor)

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto,
Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo

SINOPSE “Sagrado”, documentário que inclui uma conversa, in loco, com os arquitectos autores do projecto, Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, explora a espacialidade interior e exterior da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, evidenciando a sucessão de níveis que conformam o seu conjunto arquitectónico e urbano. Esse deambular, filmado numa espécie de travelling contínuo, é acompanhado pela peça musical “O Renascimento do Sagrado”, escrita propositadamente para o filme pelo compositor José Valente.

Projecto: Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa

Arquitectos: Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira

Produção: Ruptura Silenciosa e JackBackPack

Argumento e Realização: Nuno Grande

Direcção de Produção: Luís Urbano

Cinematografia e Edição: Bruno Nacarato

Pós-Produção Vídeo: Joana Deusdado

Pós-produção Audio: Armando Ramos

Ano de produção: 2014

Duração: 26'25"

Formato: 16:9, cor, legendado.



NOTA BIOGRÁFICA Luís Urbano é arquitecto e docente da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP). Licenciou-se na Universidade de Coimbra, onde efectuou uma pós-graduação em “Arquitectura, Território e Memória”. Em 2015 concluiu o doutoramento na FAUP. Escreveu artigos e apresentou comunicações sobre as intersecções entre a arquitectura e o cinema em diversas publicações e conferências. Coordenou o Workshop “Cinemarchitecture” (2008, 2009 e 2010), o Curso de Verão “Arquitectura e Cinema” (2010, 2011 e 2012) e organizou os Seminários “Portugal 1960-74” (2010), “Revoluções” (2011) e a Conferência Internacional “Inter[Sections]” (2013). Na FAUP, coordenou o Projecto de Investigação “Ruptura Silenciosa”, no âmbito do qual produziu dez curtas-metragens. Editou os livros “Designing Light” (2007), “Mundo Perfeito” (2008) e “Revoluções. Arquitectura e Cinema nos anos 60/70” (2013) e actualmente é editor da revista “JACK – Journal on Architecture and Cinema”. É autor do livro “Histórias Simples. Textos sobre Arquitectura e Cinema” (2013) e das curtas-metragens “Sizígia” (2012), “A Casa do Lado” (2012) e “Como se desenha uma casa” (2014).

POSTER: ARTE SACRA PRESENTE NOS AZULEJOS DO MOSTEIRO DE ODIVELAS

ANABELA CARDEIRA ARRANJA

CIEBA-FBAUL; CHAIA-UE

ALICE NOGUEIRA ALVES

CIEBA-FBAUL

PAULO SIMÕES RODRIGUES

CHAIA-UE

ALEXANDRE NOBRE PAIS

Museu Nacional do Azulejo

RESUMO No âmbito de um projeto de Doutoramento em Belas-Artes a decorrer na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), pretende-se inventariar e estudar diversos painéis azulejares existentes no Mosteiro de Odivelas, tentando identificar as suas proveniências e aprofundando questões relacionadas com a «migração» de elementos patrimoniais entre edifícios, muito comum em Portugal nos dois últimos séculos.

Atualmente existem catorze espaços no Mosteiro que contêm azulejos, mas nenhum deles corresponde à primitiva construção, da qual só restam as capelas absidais, em estilo gótico, alguns capitéis e o claustro da Moura. Após a consulta de várias fontes documentais bibliográficas, do arquivo fotográfico do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA), e de uma atenta observação no local, foi possível verificar a migração de painéis provenientes de outros edifícios que foram ali integrados, bem como de outros que dali saíram para outras instituições, durante o século XX. Desta forma, pretende-se apresentar alguns painéis figurativos, existentes no Mosteiro de Odivelas onde está patente o conceito de arte sacra. Para este fim, recorreu-se a alguns *software* digitais que permitiram as desconstruções dos painéis e a interpretação da liturgia.

Palavras-chave:

Mosteiro de Odivelas; Identificação; Azulejos; Arte sacra.



ANABELA CARDEIRA ARRANJA

Doutoranda na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), pelo programa Doutoral, HERITAS. Licenciada em Ciências da Artes e do Património pela FBAUL (2010-2013). Mestre em Museologia e Museografia, com a dissertação intitulada “A coleção de azulejos antigos na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa - Processo de Inventário”, concluída em 2015. O projeto de doutoramento tem como título “A migração de painéis de azulejos durante o XIX - XX séculos – Mosteiro de Odivelas” e visa estudar as disseminações ocorridas nos séculos XIX e XX usando como exemplo os painéis de azulejos existentes no Mosteiro de S. Dinis, em Odivelas.

POSTER: HENRIQUE FRANCO: A PINTURA MURAL DA VIA-SACRA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA EM LISBOA

ANA MAFALDA CARDEIRA

CIEBA-FBA/UL; LAB.HERCULES-UE

RESUMO Henrique Franco de Sousa (1883-1961), nasceu no Funchal, ingressou na Escola Industrial António Augusto Aguiar na mesma cidade, sendo admitido no Curso Geral de Desenho da Escola de Belas Artes de Lisboa (EBAL) em 1903, na qualidade de discípulo ordinário de Luciano Freire (1864-1935). No ano de 1906 ingressa no Curso de Pintura Histórica, onde é discípulo de Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929). No ano de 1907, foi premiado com o Prémio Lupi, tendo terminado a sua formação em 1912, parte para Paris como Pensionista do Estado, onde absorve as correntes modernas da época. Em 1934, abre o Concurso para Professor de Pintura na EBAL, vencendo contra os oponentes Abel Manta (1888-1982), Fernando dos Santos (1892-1965), João Reis (1899-1982) e Ricardo Bensaúde (1894-1974), sendo que Franco representava a modernidade, promovendo posteriormente a mesma através dos seus ensinamentos enquanto Professor nesta escola. No presente poster, apresentam-se obras enquanto discípulo de Columbano, o Prémio Lupi de 1910 e o importante concurso de Professor de Pintura que determinou efetivamente a entrada da modernidade nas Belas Artes de Lisboa com Henrique Franco.

Palavras-chave:

Henrique Franco, Pintura, Modernidade, Escola de Belas Artes de Lisboa, Concurso de Professor.



NOTA BIOGRÁFICA Ana Mafalda Cardeira (Lisboa, 1990) encontra-se no último ano curricular do Doutoramento em Belas Artes, especialidade de Ciências da Arte, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), com o projeto de tese focado na investigação das influências modernistas na produção de pintura académica de modelo nu da coleção da FBAUL. Mestre em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea na mesma instituição, com a tese intitulada de 'Caracterização material e técnica das "Académias de Nu" de José Veloso Salgado, pertencentes à coleção da FBAUL'. É bolseira do Programa Doutoral HERITAS (novembro de 2016 a novembro de 2018), colaboradora de Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes da FBAUL e do Laboratório HERCULES da Universidade de Évora. Tem desenvolvido investigação e publicado ao nível internacional na área dos métodos de exame e análise a obras de arte moderna e contemporânea.

POSTER: DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA DE UMA PINTURA DE ARTE SACRA COMO CONTRIBUTO AO ESTUDO TÉCNICO INTEGRADO

LILIANA CARDEIRA

CIEBA-FBA/UL; CF-UM

FREDERICO HENRIQUES

CIEBA-FBA/UL; CITAR-UCP; CF-UM

ANA BAILÃO

CIEBA-FBA/UL; CITAR-UCP; CF-UM

ANTÓNIO CANDEIAS

LAB.HERCULES-UE

FERNANDO ANTÓNIO BATISTA PEREIRA

CIEBA-FBA/UL

RESUMO Em conservação e restauro, apesar de existirem diversos sistemas informáticos aplicados na documentação gráfica de bens culturais, são poucos os gratuitos que permitem demonstrar informações espaciais, qualitativas e quantitativas, passíveis de serem utilizadas nos relatórios técnicos. Partindo dessa premissa, a investigação apresentada centrou-se numa das obras, de um conjunto de doze pinturas, do pintor português Adriano de Sousa Lopes, pertencentes ao espólio da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL).

O objetivo deste trabalho foi o de dar a conhecer um modelo de documentação digital e registo dos fenómenos e alterabilidades presente na superfície pictórica da obra “Madalena junto ao túmulo de Jesus”. Para tal, recorreu-se a um programa informático, designado de Sistema de Informação Geográfica (SIG). Do ponto de vista metodológico, à semelhança do que se faz, por exemplo, nos campos arqueológicos ou na caracterização de alçados edificados, usou-se o SIG para mapear a superfície da pintura indicada. O programa informático utilizado, gratuito e *open-source*, foi o *QG/IS®*. Os mapeamentos 2D fizeram-se por meio de ferramentas de edição vetorial.

Como resultado final obtiveram vários mapas temáticos das diferentes patologias, assim como, dos pontos de recolha das amostras para análise laboratorial. Estes mapas com características cartográficas possibilitaram uma melhor leitura e interpretação do estado de conservação das pinturas. Em conclusão, verificou-se que os SIG viabilizam o registo e documentação das várias fases do “estudo técnico integrado”, bem como, o registo gráfico dos fenómenos de alteração, essenciais para a caracterização das obras. Estas possibilidades capacitam o método como uma opção viável para a documentação 2D de superfícies pictóricas, com informações passíveis de serem usadas na vertente museológica e comunicacional das obras. Outra vertente evidente da importância dos dados registados, prende-se com os projetos e os relatórios técnicos em conservação e restauro.

Palavras-chave:

Documentação gráfica; Sistemas de Informação Geográfica (SIG); Patologias; *QG/IS®*.



LILIANA CARDEIRA Doutoranda na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL) e bolseira do programa de doutoral HERITAS (REF.^a: PD/00297/2013), co-financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), e pelo Fundo Social Europeu, através dos Programas Operacionais do período de programação 2014-2020, do Portugal 2020. A autora principal é investigadora do Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), da FBAUL, e do Laboratório HERCULES, da Universidade de Évora. De formação de base a área do Património Cultural, a investigadora é licenciada em Ciências da Arte e do Património pela FBAUL (2008-2011), e pós-graduada em Museologia e Museografia (2011-2012) pelo mesmo estabelecimento de ensino. Acrescenta-se ainda que a autora é mestre em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea (2014) com uma dissertação dedicada à obra do pintor Adriano de Sousa Lopes.



FREDERICO HENRIQUES Doutorou-se em 28 de janeiro de 2013, em Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa (UCP), como bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e apoio do Instituto Superior Técnico (IST). No ano seguinte, em agosto de 2014, na sua unidade de investigação, do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR), inicia os seus trabalhos de pós-doutoramento como bolseiro da FCT. A sua investigação versa a documentação e análise espacial de bens culturais, assunto sobre o qual tem diversas publicações nacionais e internacionais. Com formação superior iniciada em 1992, na Escola Superior de Conservação e Restauro (ESCR) tem também licenciatura (pré-Bolonha) no Instituto Politécnico de Tomar (IPT), com trabalho final de curso em “Conservação e Restauro de estruturas e suportes em Pintura”. Tem exercido docência em diversos cursos de conservação e restauro: Escola Artística e Profissional Árvore (EAPA), no Porto; Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra (EPRPS); Instituto de Artes e Ofícios (IAO) da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva (FRESS) e Universidade Católica Portuguesa (UCP). Foi também colaborador em várias empresas da área da conservação: Arte-restauro, Junqueira 220 e Portorestaurar. Estagiou no Instituto José de Figueiredo (IJF), por duas ocasiões, e no Instituto Centrale per il Restauro (ICR), em Roma. Foi conservador-restaurador convidado para dois projetos do Instituto Português da Conservação e Restauro (IPCR): Igreja da Madre de Deus, em Lisboa, e Painéis de Pintura da Charola do Convento de Cristo, em Tomar. Desde 1997 exerce a profissão de Conservador-restaurador para entidades públicas e privadas. A partir de Agosto de 2014, como bolseiro de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), dedica-se exclusivamente à investigação em Sistemas de Documentação e Representação Digital de Bens Culturais.



ANA BAILÃO Licenciada em Conservação e Restauração pelo Instituto Politécnico de Tomar (2005) e mestre em Conservação da Pintura pela Universidade Católica Portuguesa (2010). Doutora em Conservação de Pinturas pela mesma universidade, em colaboração com o Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) e o Instituto do Patrimônio Cultural de Espanha (IPCE), em Madrid. A pesquisa de doutoramento foi sobre os critérios e metodologias que podem ajudar a melhorar a qualidade do retoque de pintura. Os diversos projetos foram apresentados através de publicações, palestras, exposições e apresentações. Ensino de conservação e restauração, especialmente reintegração cromática, desde 2008. Desde 2004 realiza intervenções de conservação e restauro.



ANTÓNIO CANDEIAS Licenciado em Química Tecnológica e pós-graduado em Química Aplicada ao Patrimônio Cultural pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Doutoramento em Química pela Universidade de Évora. Especialista em Química de Superfícies e Ciências do Patrimônio, é Professor Associado com Agregação no Departamento de Química da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora, Diretor do Laboratório HERCULES da mesma Universidade, Coordenador Científico do Laboratório José de Figueiredo da Direção Geral de Patrimônio Cultural e Diretor da Plataforma Portuguesa da Infraestrutura Europeia em Ciências do Patrimônio (Infraestrutura ERIHS.pt) do Roteiro Nacional de Infraestruturas de Investigação de Interesse Estratégico. Autor de mais de 200 artigos internacionais é membro do Conselho Nacional de Cultura como Individualidade de Reconhecido Mérito.



FERNANDO ANTÓNIO BAPTISTA PEREIRA Nascido em Lisboa em 1953. É licenciado em História (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Mestrado em Museus (antigo Instituto Português do Patrimônio Cultural) e doutorado em Ciências de Arte, especialização em História da Arte (Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa). Especialista em museologia e historiador de arte, responsável pela apresentação da nova edição da Gulbenkian d' A Nova História da Arte de Janson. Professor na Universidade de Lisboa desde 1979. É Professor Associado na Faculdade de Belas Artes, e membro integrado do Centro de Pesquisa de Belas Artes. Concebeu o plano de estudo para o BA em Ciências da Arte e do Patrimônio e o MA em Estudos do Museu. Atualmente, é adjunto do Ministro da Cultura.

POSTER: AS ERMIDAS CAMARÁRIAS DA CIDADE DE ÉVORA

VIRGÍNIA GLÓRIA NASCIMENTO

CIEBA-FBA/UL; LAB.HERCULES-UE

FERNANDO ANTÓNIO BATISTA PEREIRA

CIEBA-FBA/UL

ANTÓNIO CANDEIAS

LAB.HERCULES-UE

ALICE NOGUEIRA ALVES

CIEBA-FBAUL

RESUMO A cidade de Évora tem muitos edifícios religiosos que ao longo do tempo se foram transformando e adaptando às novas necessidades de culto e às mudanças de gosto artístico, como reflexo do contexto religioso, social e político de cada época.

Dentro e fora das muralhas de Évora existem vários templos que num determinado período histórico estiveram, ou ainda estão, ligadas à Câmara Municipal. No caso das ermidas, este vínculo surge de duas maneiras: através da fundação do templo pelo município ou em terrenos municipais, ou por aquisição da propriedade após a sua construção.

A partir do percurso construtivo e funcional de sete ermidas, fundadas entre os séculos XV e XVII, iremos analisar as transformações materiais e imateriais que ocorreram em cada templo, e a forma como estas mudanças se refletem na sua atual utilização e na preservação do seu património religioso.

Palavras-chave:

Ermida; Câmara Municipal; Cidade de Évora; Utilização; Transformação.



VIRGÍNIA GLÓRIA NASCIMENTO

Doutoranda do Programa Doutoral HERITAS – Estudos de Património (PD/BI/114472/2016; PD/BD/135144/2017), dedicando-se desde 2015 às questões da salvaguarda e do uso do património integrado em edifícios religiosos. No âmbito profissional integrou equipas multidisciplinares em intervenções de conservação e restauro de pintura de cavalete, realizadas *in situ* e em ambiente museológico, no seguimento da formação em conservação e restauro e em museologia e museografia.

ANTÓNIO CANDEIAS Licenciado em Química Tecnológica e Pós-graduado em Química aplicada ao Património Cultural pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Doutorado e Agregado em Química pela Universidade de Évora. É especializado em química de superfícies e ciências do património. Docente da Universidade de Évora desde 1992, é diretor do Laboratório HERCULES e da infraestrutura ERIHS.pt e coordenador científico do Laboratório José de Figueiredo da Direção Geral do Património Cultural. É membro do Conselho Nacional de Cultura como personalidade de reconhecido mérito e membro do Conselho Geral da Universidade de Évora.

FERNANDO ANTÓNIO BAPTISTA PEREIRA Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pós-graduado em Museologia pelo antigo Instituto Português do Património Cultural e doutorado em Ciências da Arte (História da Arte) pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Ensina na Universidade de Lisboa (na Faculdade de Letras e na Faculdade de Belas-Artes) desde 1979, sendo atualmente Professor Associado na de Belas-Artes, onde desempenhou as funções de Presidente do Conselho Científico, de Diretor do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA), sendo também o autor do Plano de Estudos da Licenciatura em Ciências da Arte e do Património dessa faculdade. Tem vasta e diversificada obra publicada nos domínios da História da Arte e da Cultura Portuguesas, da Crítica de Arte e da Museologia. Desde 2017 é Assessor do Ministro da Cultura para o Património e Museus.

ALICE NOGUEIRA ALVES Conservadora-restauradora. Desde o início da sua formação, as questões relacionadas com a história e a teoria do restauro e o modo como se encara o objeto artístico assumiram uma importância fundamental nos seus interesses académicos, terminando o seu doutoramento História da Arte, Património e Teoria do Restauro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2009, e o seu Pós-doutoramento em Belas-Artes, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, em 2017. Atualmente, é Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

POSTER: FRONTAIS DE ALTAR EM “GODOMIÇIL” – A ARTE MEDIEVAL DO COURO DOURADO E PINTADO

FRANKLIN PEREIRA

ARTIS-IHA/FLUL

RESUMO O método pictórico do guadameci é uma criação do Islão peninsular, cuja designação deriva do árabe “wad al-másir” ou do andalusí “gueld al-másir”, significando aquele que é brilhante no seu rameado de cores, ou couro assim ornamentado. A técnica recorre ao couro de carneiro, coberto com folha de prata, pintado com cores de óleo, dourado com um peculiar verniz/“douradura”, e texturado com punções metálicas. A parca documentação medieval de interiores abastados refere guadamecis com alguma frequência, em particular como cobertas de parede – os panos/retângulos assim elaborados eram costurados, providenciando grandes superfícies – ou coxins, pois permanecia em uso preceitos de conforto herdados do Islão e continuados até ao Renascimento, com estrados atapetados, almofadas e panejamentos; tais “panos d’armar” podiam também ser em couro dourado e pintado. A produção de guadamecis (em Lisboa, Évora, Vila Viçosa e Coimbra) incluía frontais de altar para as igrejas, por vezes com a imaginária religiosa pintada. Há ainda escassos registos de retábulos assim pintados, e de quadros devocionais para um uso mais doméstico. A alteração de modas e a talha dourada ditaram o fim dos guadamecis nos templos de norte a sul do país. A criação da indústria de guadamecis prensados nos Países Baixos em inícios do século XVII – eventualmente por influência do comércio da Feitoria da Flandres e a permanência de guadamecileiros portugueses procurando mercados e locais de fabrico – ajudou ao fim da produção ibérica. Importados em retângulos, tais guadamecis relevados por prensa e molde, em atraentes motivos do Barroco e Rococó, foram montados em biombos, estofos e também em frontais de altar, de novo, há exemplos espalhados por museus, mansões e igrejas.

Palavras-chave:

Guadameci; Couro dourado e pintado; Património cultural; Frontais de altar; Arte mudéjar.



NOTA BIOGRÁFICA

Franklin Pereira começou a estudar as artes do couro em finais dos anos de 1980; aprendeu a arte do couro lavrado com os últimos mestres portugueses, e esteve em Córdova para aprender o método medieval do couro dourado e pintado – o guadameci –, reintroduzindo tal técnica em Portugal. Recebeu 13 prémios – 1ºs, 2ºs, 3ºs e menções honrosas – nas maiores exposições de couros artísticos, nos EUA, nos anos de 1990. Tem vindo a escrever sobre a História do couro, publicando regularmente artigos em revistas de Portugal, Espanha, Inglaterra, Nova Zelândia e Noruega; tem vários livros sobre o assunto, destacando-se “O couro lavrado no Museu Municipal de Viana do Castelo”, “O couro lavrado no mobiliário artístico de Portugal”, “As cadeiras em couro lavrado e os guadamecis do Museu de Pontevedra”, “Ofícios do couro na Lisboa medieval”, “De Córdova para Portugal: el comercio de guadamecís en el siglo XVI” e “Pele com Pele: Transfiguração & Transcendência / Skin with Skin: Transfiguration & Transcendence” (coautoria com Ana Caldas). Desde 2016 é investigador do Artis/Instituto de História da Arte-Faculdade de Letras-Universidade de Lisboa.

SIGLAS E ACRÓNIMOS

- A** **ARDITI-RAM** Agência Regional para o Desenvolvimento da Investigação, Tecnologia e Inovação - Região Autónoma da Madeira
- ARTIS-IHA/FLUL** ARTIS Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa
- C** **CEHR-UCP** Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa
- CF-UM** Centro de Física, Universidade do Minho
- CHAIA-UE** Centro de História de Arte e Investigação Artística, Universidade de Évora
- CIEBA-FBAUL** Centro de Investigação de Estudo em Belas Artes, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa
- CIERL-UMa** Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais, Universidade da Madeira
- CIES-IUL** Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa
- CIDEHUS-UÉ** Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, Universidade de Évora
- CITAR-UCP** Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, Universidade Católica Portuguesa
- CLLC-UA** Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro
- F** **FAUP-CEAU** Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto - Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo
- I** **IADE** Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing
- L** **LAB.HERCULES-UE** Laboratório HERCULES, Universidade de Évora
- LIU** Laureate International Universities
- M** **MASF** Museu de Arte Sacra do Funchal
- U** **UCP** Universidade Católica Portuguesa

FICHA TÉCNICA

Título

“AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU”
Questões de Arte Sacra

Edição

Ana Antunes
Carolina Rodrigues Ferreira
Elisa Vasconcelos

Organização

MUSEU DE ARTE SACRA
DO FUNCHAL

Apoios



Secretaria Regional
do Turismo e Cultura
Direção Regional da Cultura



Secretaria Regional
de Educação



Funchal, março de 2018

